

Para entender (um pouco) a China

Ronald Z. Carvalho

“No ano de 1600, o império da China era o maior e mais sofisticado de todos os reinos unificados da Terra.”

Johnatan D. Spence no livro “Em Busca da China Moderna”.

O aglomerado nacional denominado China tem quatro mil anos de existência, a civilização chinesa talvez mais. O maior país do Ocidente, os Estados Unidos da América, têm quinhentos anos, se contarmos o tempo de sua “descoberta” por Colombo. Os mais antigos países da Europa, a que chamamos “Velho Mundo”, não passam de novecentos a mil anos como civilização, menos de setecentos como países organizados. Em 1600 a China já possuía uma organização política burocrática que os países europeus só iriam desenvolver no fim do século dezoito.

Culturalmente a China possui um patrimônio filosófico, artístico e literário que o Ocidente jamais conseguirá igualar, qualitativa ou quantitativamente. Sua religião dominante, o Budismo, é a maior religião do mundo e seus conceitos e práticas se espalham rapidamente pelo ocidente, a febre “zen”, de origem chinesa e divulgada pelo mundo via Japão. As religiões chinesas anteriores ao Budismo, ou seja, o taoísmo e o confucionismo, são também poderosas e numerosas e influenciam pesadamente o Ocidente.

A China possui um bilhão e trezentos mil habitantes, ou seja, vinte por cento da população mundial, estimada em seis bilhões e meio. Um recente estudo feito na Europa, diz que a população chinesa pode ser até 20% maior, dada a precariedade dos censos recentes.

Somando suas áreas de influência geográfica e política, estaremos facilmente próximos de quarenta por cento da população mundial. Sua economia já é a quarta do mundo e poderá ser a segunda em quinze anos, mais adiante talvez a primeira.

Um outro lado da China merece ser visto com mais atenção. A China possui em seu território mais de duzentas e cinquenta línguas diferentes, e dezenas de diferentes etnias. Sua língua dominante, o mandarim, não tem o menor parentesco com as línguas ocidentais. Sua filosofia e ética são radicalmente diferentes da nossa, cuja base é lógica, socrática e platônica, que só aparecem no mundo bem depois da ética chinesa, o que a torna muito difícil para nós ocidentais de aceitar ou até mesmo compreender. Eles não são capazes do raciocínio analógico e sed a gente assim o desejar, nada acontece...

O Taoísmo e o Confucionismo legaram ao budismo um bloco de visão de mundo onde predomina o respeito e a disciplina, o coletivo e a organização, em detrimento do indivíduo e da liberdade. A observação e o respeito à natureza têm uma importância na China, que para nós é praticamente desconhecida. Paradoxalmente para nós, no entanto, o desenvolvimento industrial desenfreado está poluindo assustadoramente um dos países de natureza mais rica do mundo. Nossa filosofia e ética é fundamentalmente individual, o oposto da ética chinesa. Por isso classificamos de desrespeito aos direitos humanos uma severidade punitiva aos crimes contra o coletivo. E chamamos de desonesta a defesa intransigente dos interesses nacionais e comunitários contra opositor estrangeiro predatório.

O que é mais grave, ainda sob a análise se Johnatan Spence, que aborda os últimos quatro séculos da história chinesa, é que aquilo que sabemos da China tem muito pouco a ver com a

China. A revolução cultural de Mao pretendia justamente abolir a antiga civilização chinesa. Não esqueçamos também que os países ocidentais dominantes tentaram e quase conseguiram destruir a China. O que sabemos da China moderna é mais ocidental do que chinês... Nunca houve capitalismo na China, e mesmo hoje ela continua sendo uma grande burocracia familiar, no sentido weberiano do termo, apenas aproveitando algumas pitadas do capitalismo. Tudo isso subordinado a um fortíssimo estado socialista, altamente corrupto. A China jamais será um país capitalista na nossa acepção do termo. O próprio socialismo, apesar dos esforços de Mao, não conseguiu derrubar a burocracia secular.

Resumindo, não podemos entender nem a língua, nem a cultura, nem a ética e nem a economia chinesa, a não ser com profundo estudo de sua cultura e história.

Temos, porém, que tentar. A civilização chinesa, com todo seu esplendor e qualidade, quase foi várias vezes destruída pelos sucessivos embates deste século. Guerra dos colonizadores, Portugal, Inglaterra e depois até os Estados Unidos. A revolução cultural do maoísmo, com toda a força de uma dissensão interna, e finalmente a tentativa econômica atual, primeiro do Japão e depois do ocidente em geral, de derrubar ou pelo menos frear a ascensão chinesa.

A despeito disto tudo, a China se reconstrói. A ordem jurídica se restabelece. O sistema provincial se reconstitui com muito mais eficiência que os sistemas federativos americanos e europeus, a economia aprende a competir com o capitalismo sem ser capitalista. A identidade chinesa se reconstrói em toda sua qualidade humana e filosófica.

Por tudo isso a China é hoje o país do mundo que apresenta o melhor desempenho econômico e social do planeta. Desde o simples crescimento do PIB até a mais sofisticada análise de índices sociais, como o IDH ou IVJ..

Para entender e participar deste crescimento temos que lutar muito. Já vemos nossas importações e exportações crescendo para a China. Vemos os capitais chineses começarem a chegar. Temos que despir-nos dos saltos altos ocidentais e calçarmos os chinelos chineses da humildade.

Nunca vamos entender a China e os chineses. Seremos, porém, obrigados a tentar.